BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA
150 anos
1854 – 2004
SC

D

# XIV Congresso Brasileiro de Folclore

24 a 29
de novembro de 2009
Universidade Federal do Espírito Santo
Vitória-ES

## BOLETIM

## DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

ANO XLII - Nº 60 - 2009

Date

Pede-se permuta
Piedese canje
We ask exchanger
Sirichiede lo scambio
On démande l´échange
Man bitet um Austansech
Oni petas intersangon

**Comissão do Boletim**

Diretoria Executiva da Comissão Catarinense de Folclore

*Mandato de 2007 a 2011.*

Nereu do Vale Pereira
Presidente
Maura Soares
Vice-Presidente
Francisco do Vale Pereira
Secretário
Gelcy José Coelho
Tesoureiro

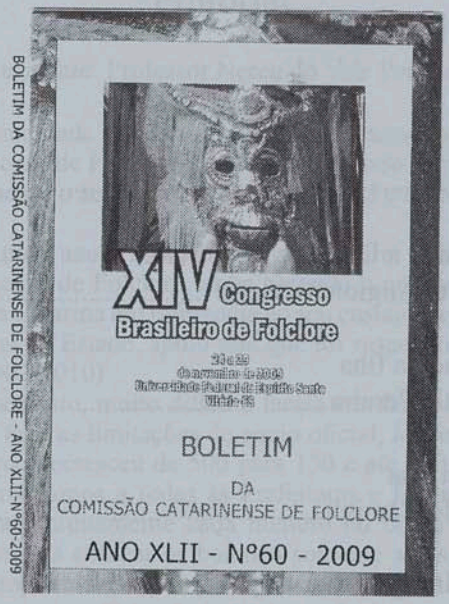
**Conselho fiscal**

Carlos Alberto Angioletti Vieira
Osvaldo Ferreira de Melo
Acyr Osmar de Oliveira

Ecomuseu do Ribeirão da Ilha
Endereço para correspondência:
Rodovia Baldicero Filomeno, 10106.
Costeira do Ribeirão – Ribeirão da Ilha
88064-002 – Florianópolis – SC

BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA
SETOR DE SANTA CATARINA
Nº _____
Data: ____/____/____
SC
398.098164
C749

Biblioteca Pública do
Estado de Santa Catarina
REG. Nº 056206
DATA 25/02/2011
Doação ORIGEM 12/08/10
Nereu do Vale Pereira




Capa – Folder do 14° congresso de Brasileiro de folclore
**Digitação** – Raul Souza da Silva
**Composição** – Nereu do Vale Pereira
**Gráfica** –

ÍNDICE

1 - Editorial.....p. 4

2 - Giusepe Verdi e a Unificação da Itália.
Carlos Alberto Angioletti Vieira .....p. 7

3 – O Manezinho da Ilha
Nereu do Vale Pereira.....p.15

4 – Ser Mane da Ilha
Luiz Eduardo Caminha.....p. 19

5 – Festival da Integração Cultural.
Notícias.....p. 26

6 – As Irmandades do Divino Espírito Santo
Nereu do Vale Pereira.....p. 27

7 – A Respeito dos Corações e do Pão por Deus
Oswaldo Rodrigues Cabral.....p. 35

8 – Capítulo destinado à divulgação de eventos folclóricos pelo Estado de Santa Catarina.

# Editorial

Presidente: Professor Nereu do Vale Pereira.

Dando continuidade na meta de publicarmos anualmente o boletim da Comissão Catarinense de Folclore estamos entregando ao público estudioso do folclore catarinense o seu Numero 60 do ano XLI e referente ao ano civil de 2009.

Durante muitos anos, aliás, desde o primeiro número em 1949, a Comissão Catarinense de Folclore vinha obtendo o patrocínio do Governo do Estado de Santa Catarina em referencia ao seu custeio e editoração através da Imprensa Oficial do Estado, apoio este que foi suspenso no atual período administrativo (2002-2010)

Tem sido, portanto, muito difícil a tarefa em dar continuidade a essa editoração, e que, face as limitações de apoio oficial, foi reduzida a tiragem de cada numero que decresceu de 500 para 150 e até 100 exemplares. Até o ano de 2001 remetíamos a todas às Prefeituras e Bibliotecas existentes em Santa Catarina gratuitamente cada numero do boletim editado. Após o ano 2003 passamos a colocar os boletins somente aos seus associados e colocando 50 exemplares a venda para poder cobrir parte dos custos que ultrapassam aos apoios recebidos de instituições de direito privado inserindo mensagens publicitárias.

Contudo, embora tendo sido bastante reduzido em numero de paginas, os boletins continuaram a oferecer conteúdos originais e importortantes na preservação e divulgação dos fatos folclóricos barrigas-verdes.

È com grande pesar que registramos esses fatos que repetimos, tal se fez necessário para compreender não só a perda da qualidade gráfica, mas, principalmente pela significativa redução do publico atingido. Continuamos a desenvolver esforços para que seja mantida a periodicidade anual com oportunidade e qualidade de seu conteúdo.

Neste editorial estamos registrando referencias sobre o **Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore,** realizado na Cidade do Rio de Janeiro, então cidade Capital do Brasil, entre os dias 22 a 31 de agosto de 1951.

Naquele congresso apenas dois estados estiveram presentes. A Sub-Comissão Catarinense de Folclore (as organizações estaduais eram denominadas de Sub-Comissões) teve importante participação e foi para o Rio de Janeiro com o patrocínio do Governo do Estado sendo o Senhor Irineu Bornhausen ocupante do cargo de Governador.

A delegação Catarinense foi composta pelos associados: Presidente Professor e deputado Estadual Oswaldo Rodrigues Cabral, Professor Custodio Francisco de Campos, Walter Piazza e Osvaldo Ferreira de Melo.

No Rio de Janeiro, catarinenses lá residentes e intelectuais de grande respeitabilidade e que foram participantes, em 1848, da instituição da Sub-

Comissão Catarinense de Folclore, se anexaram a delegação e foram, o Almirante Lucas Alexandre Boiteux e o Professor Vitor Peluzo Junior.

A delegação foi recebida no Aeroporto Santos Dumont pelo então Presidente da Comissão Nacional de Folclore, o doutor e Ministro Renato Almeida que teria tido o mérito de estar em nosso Estado em outubro de 1948 quando nossa Sub-Comissão, por influencia desse ilustre estudioso, foi criada.

Nesse ano de 1948, Renato Almeida participara do Primeiro Congresso de Historia Catarinense comemorativo do bicentenário da Colonização Açoriana, onde estiveram reunidos todos os instituidores dessa nossa sub-comissão.

Nossa delegação quando do retorno daquele Congresso editorou o Boletim referente ao ano de 1951 com os números 09 e 10 onde foram publicadas todas as palestras, intervenções cientificas e a primeira CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO. São 45 páginas desse Boletim que se apresentam hoje como principal registro do que se passou naquele primeiro Congresso Brasileiro de Folclore. Disto se infere de como tem sido importortante a editoração do nosso boletim.

Agora neste ano de 2009 foi realizado, em Vitória, Capital do Estado do Espírito Santo, o XIV Congresso Brasileiro de Folclore cujo folder de sua divulgação ilustra nossa capa.

Foi um rico Congresso onde todos os Estados estiveram representados e contando com um público participante que ultrapassou aos quinhentos Congressistas oficiais.

Foi uma realização da Comissão Espiritossantente de Folclore que contou com o apoio do Governo Estado do Espírito Santo e a Universidade Federal do mesmo Estado coordenou logisticamente o evento oferecendo, inclusive as suas dependências físicas para que o mesmo evento fosse realizado.

Foi um grande, meritório e rico Congresso que brilhou pelos conteúdos das conferências, palestras, comunicações, painéis, debates, confraternizações e apresentações folclóricas diversas.

Parabéns á Comissão Espiritossantente de Folclore pelo êxito do XIV Congresso Brasileiro de Folclore.

Aos nossos associados esta presidência os saúdam e solicita que nos enviem mais e novas contribuições com artigos, recolhas, relatório de pesquisas, descrições e estudos das manifestações folclóricas de sua região, enriquecendo assim nosso já consagrado BOLETIM DA COMISSÂO CATARINENSE DE FOLCLORE.

**********

## GIUSEPPE VERDI e a UNIFICAÇÃO DA ITALIA

### REINO DA BABILONIA e NABUCODONOSSOR

**Associado** - *Carlos Alberto Angioletti Vieira, Maestro e Membro do Conselho Fiscal de nossa Comissão Catarinense de Folclore.*

A BABILÔNIA foi um importante Império da antiguidade que estava situado onde atualmente fixa o Iraque; sua origem remonta a quase dois mil anos antes de Cristo. NABUCODONOSSOR foi o rei que dirigiu a BABILÔNIA no Período de 604 a 562 antes de Cristo. Por conta de sua ação guerreira e dominadora o seu reinado caracterizou-se por conquistas territoriais e guerras. Assim ele invadiu outros reinos, como o Egito, cujo povo hebreu foi dominado e levado em cativeiro para a BABILÔNIA.

Alem de sua ação dominadora e imperialista, NABUCODONOSSOR também ficou conhecido pelas duas grandes construções e verdadeiros marcos da historia antiga, que são a TORRE DE BABEL e os JARDINS SUSPENSOS DA BABILONIA.

A TORRE de BABEL era, segundo os historiadores, um templo ao deus MARDUK, enquanto que os JARDINS SUSPENÇOS foram construídos em homenagem a AMYTIS, esposa de NABUCODONOSSOR.

Sobre a TORRE de BABEL existem divergências quanto suas verdadeiras dimensões; alguns antigos relatos diziam que sua altura ultrapassava 97 metros, enquanto que outras pesquisas afirmavam uma medida mais modesta.

OS JARDINS SUSPENSOS eram plataformas tipo prateleiras construídas sobre enormes colunas circulando um monte; nesse conjunto de degraus plantaram-se muitas espécies de flores, arvores e variadas plantas. Os estudiosos diziam que, olhando-se de longe se tinha a impressão que todo o jardim era suspenso.

## A ITÀLIA DIVIDIDA

Após a queda do Império romano, toda a península italiana foi dividida em varias províncias isoladas e dominadas, na sua maioria, por reinos e países estrangeiros. O poder dominante impedia qualquer tentativa de se resgatar a união da Pátria, mesmo assim nunca morreu o sonho dos italianos de ver sua terra natal restaurada

Em 1531 MAQUIAVEL escreveu o Livro "O príncipe" tratando da questão desse isolamento do povo italiano. Na tese de MAQUIAVEL Havia a figura de um rei, ou príncipe que, como verdadeiro redentor, iria afastar os invasores e restituir a integridade perdida. Entretanto nada mudaria por mais três séculos adiante, e o quadro da Itália dividida era o seguinte.

**ITÀLIA - divisão política até 1861**

1. Reino do PIEMONTE – capital TURIM

Rei VICTOR EMANUEL, tendo como 1° ministro CAMILO BENSO, o Conde de CAVOUR.

2. LOMBARDIA – Capital de MILÃO

Província do Império austro-húngaro

Dinastia HANSBURGO

3. REPUBLICA DA VENEZA - Capital VENEZA

Governo dos DOGES, subordinado ao Império austro-húngaro.

4. DUAS CECÌLIAS – Capital NAPOLIS

Reino dos BOURBONS – Espanha.

5. ESTADOS PONTIFICIOS – Capital ROMA

Governo do Papado.

6. GRÂO DUDUCADO DE TOSCANA – Capital FLORENÇA.

Grão ducado da Áustria.

7. DUCADO DE PARMA – Capital PARMA

Duque de Parma.

8. DUCADO DE MÒDENA - Capital MÒDENA

Duque de Médena.

## A LUTA PELA UNIFICAÇÂO DA ITÀLIA

A idéia de que a ITÀLIA deveria livra-se do destino cativo de que a infelicitava foi, em tese, lançada por MAQUIAVEL. Mas começou a tomar corpo nos finais do século XVIII e princípios do Século XIX.

Os ideais preconizados pela Revolução Francesa de 1789 chegaram a Itália e a guerra desencadeada contra o conservadorismo absolutista teve como conseqüência o movimento político que recebeu o nome de "ressurgimento", termo italiano o RENASCIMENTO.

O primeiro RENASCIMENTO ocorrido nos séculos XV e XVI foi um fenômeno cultural tratando basicamente de aspectos estéticos e artísticos, enquanto que o segundo RENASCIMENTO, ou o "RIRISORGIMENTO" foi um movimento político que buscava livrar o homem italiano do domínio estrangeiro, principalmente dos HANSBURGOS da ÁUSTRIA e dos Bourbon da Espanha.

No RENASCIMENTO cultural destacam-se os artistas LEONARDO DA VINCI, e MIGUEL ANGELO e RAFAEL SANZZIO, e no ressurgimento os baluartes foram os três ilustres GIUSEPPE: MAZZINI (1805-0872), GARIBALDI (1807-1882) e VERDI (1813-1901).

Ainda relembrando MAQUIAVEL, diz-se que aquele tão esperado restaurador da integridade italiana perdida, não tomou corpo num homem só: sua Luz, sua força, seus ideais e seu amor pela pátria foram incorporados por MAZZINI, GARIBALDI e VERDI.

Outro nome que teve sua importância foi CAMILO BENSO, o Conde de Cavour, que era 1° Ministro.

Do rei Victor Emanuel no reino de PIEMONTE, CAVOUR buscava a união Italiana através de conchavos palacianos, ação diplomática com as embaixadas e até reuniões secretas com a Igreja, generais e outros chefes de Estado.

Mas o procedimento de Cavour estava em desacordo com a maioria dos que lutavam pela Unificação, muitos dos quais consideravam sua atitude inadequada e até antipatriótica.

È certo que três Giuseppe contribuíram cada qual com sua força e influência, mesmo sem planejamento conjunto, eles constituíram um frente poderosa , e foi a ação desses grandes homens que ,embora em campos distintos de atividade, mas completamentares no mesmo

objetivo, que contribuiu com o sucesso da unificação da Itália.

MAZZINI – em oposição ao plano de unificação constituído de cima e arquitetado pela elite liberal-conservadora liderada pelo conde CAVOUR, surge o projeto defendido pelo professor GIUSEPPE MAZZINI, antigo integrante da sociedade carbonária, uma organização patriótica secreta;

MAZZINI buscava a unificação dos estados unidos italianos como uma só nação, tendo como proposta uma republica democrática.

Alem disso, ele imaginava que sua idéia se estendesse por toda a Europa criando uma federação de estados europeus, dentro de um republicanismo popular. Não demorou a reação da facção liberal-conservadora de CARVOUR que, considerando MAZZINI um radical extremista, o condenou a morte.

GARIBALDI foi um Grande líder militar que se opunha radicalmente a CAVOUR a quem abominava. Garibaldi tinha uma maneira própria de agir que era direta, sem interferência dos gabinetes e conchavos parlamentares.

Ele imaginava um governo com matizes socialistas e por isso lutou bravamente.

**A Musica de Giuseppe Verdi na UNIFICAÇÃO DA ITÁLIA**

VERDI nasceu em 09 de outubro de 1813, na localidade de RONCOLE, cidade de PARMA. Com a idade de 10 anos já era admirado em sua província como um talento musical. Nessa época ele foi um escolhido e muito ajudado por ANTONIO BAREZZI, um amigo de seu pai.

BAREZZI, além de comerciante era um excelente músico, tocava clarinete e flauta, além de presidir a Orquestra Filarmônica local, cujos ensaios eram realizados em sua própria casa. VERDI recebeu aulas de BAREZZI e mais tarde uma bolsa para estudar em MILÃO.

Após alguns anos Verdi volta para sua cidade para ocupar funções musicais. Nessa ocasião ele enamorou-se da filha de BAREZZI de nome de MARGHERITTA que é certo que os três GIUSEPPE contribuíram e cada qual com sua força e influencia e, mesmo sem um planejamento conjunto, eles construíram uma frente poderosa, e foi a ação desses Grandes Homens que embora em campos de distintos de atividades, mas complementares no mesmo objetivo, que contribuíram

de maneira decisiva para o pleno sucesso da unificação da ITÀLIA.

MAZZINI - em oposição ao plano de unificação constituído de cima e arquitetado pela elite liberal conservadora liderada pelo conde CAVOUR, surge o projeto defendido pelo professor Giuseppe MAZZINI, antigo integrante da Sociedade Carbonária, uma organização patriótica secreta.

Também era pianista. Casando-se em 1835, o casal teve dois filhos (VIRGINÍA E ICÍLIO).

Em 1838 VERDI muda-se com a família para MILÃO, onde, no ano seguinte, representou com sucesso e a sua primeira ópera chamada "OBERTO – CONDE DI SAN BONIFACIO".

A ventura do seu casamento foi efêmera, pois, em 1840, no espaço de pouco mais de um ano morreram os filhos e a esposa. A amargura quase que provoca sua desistência da carreira artística, mais graças ao apoio de amigos especiais, como a soprano GIUSEPPINA STREPONI, ele conseguiu prosseguir.

Em 1842, VERDI tinha 29 anos de idade e já era um artista reconhecido, mas sua vida estava abalada pela perda da família.

Merelli, editor e diretor do teatro SCALA, convida VERDI para uma reunião juntamente com o poeta TEMÌSTOCLE SOLERA para tratar da produção de uma nová ópera.

O libreto da SOLERA narrava a história ocorrida na BABILÔNIA sob o domínio do rei NABUCODONOSSOR, quando os hebreus foram escravizados.

No tema abordado havia uma clara analogia com a situação dos italianos que viviam sob o domínio de impérios estrangeiros. Ao receber a proposta, VERDI não demonstrou nenhum interesse, chegando a afirmar a sua intenção de não mais compor; mesmo assim, MERELLI insistiu que VERDI aceitasse e, na saída, colocou o texto no bolso do casaco do maestro.

Chegando em casa, VERDI tirou o manuscrito do bolso jogando-o sobre a mesa. Parecia que uma força do destino o instigava, pois, os papeis ao caírem na mesa, deixaram em evidencia a folha dos versos do "VÀ PENSIERO", que era o hino lamentoso dos hebreus escravizados e que dizia:

**VA PENSIERO**
(em italiano)
VA, PENSIERO, SULL ALE DORATE
VA, TI POSA SUI CLIVI, SUI COLLI
OVE OLEZZANO TEPIDE E MOLLI!
L'AURE DOLCI DEL SUOLO NTAL

DEI GIORDANO LE RIVE SALUTA
DI SIONNE LE TORRI ATTERRATE...
OH MIA PATRIA SI BELLA E PERDUTA!
OH MEMBRANZA SI CARA E FATAL!

ARPA D'OR DEI FATIDICI VATI
PERCHE MUTA DAL SALICE PRNDI
LE MEMORIE NEL PETTO RECCENDI,
CI FAVELLA DEL TEMPO CHE FU

O SIMILE SI SÓLIMA AI FATI
TRAGGI UM SUONO DE CRUDO LAMENTO,
O T'ISPIRITI IL SIGNORE UM CONCENTO
CHE NE INFONDA AL PATIRE VITÚ!

**VA PENSIERO**
(em português)
VAI, PENSAMENTO, EM ASAS DOURADAS.
VAI, POUSA SOBRE AS COLINAS E OS MONTES.
ONDE SOPRAAM S DOCES BRISAS,
A QUENTE E LEVE FRAGÃNCIA DA TERRA NATAL.

DO JORDÃO, DAS SUAS MARGENS E DAS DESOLADAS
TORRES DE SIÃO,
OH PATRIA MINHA TÃO BELA E PERDIDA
OH LENBRANÇA TÃO QUERIDA E FATAL.

HARPAS DE OURO DOS FATIDICIOS LAMENTOS
POR QUE PENDEM MUDAS NOS SALGUEIROS?
A MEMORIA NO PEITO REVIVE
A QUAL FALA DE UM TEMPO QUE SE FOI

CADA UM COMO SODOMA NOS FADOS LANÇA UM SOM DE PROFUNDO LAMENTO, QUE O SENHOR TE INSPIRA UMA CANÇÃO NO PADECER.

VERDI ficou impressionado e entendeu como um chamamento essa acidental leitura e isso bastaram para convencer a trabalhar naquela que servia uma das suas mais famosas óperas.

Movido pelo sentimento de nacionalismo e compreendendo o paralelo existente no drama dos hebreus cativos com a Itália dividida e sofrendo pela humilhante dominação estrangeira, ele imediatamente iniciou a escrita da ópera NABUCO.

O sucesso dessa nova ópera foi imediato e VERDI recebeu mais propostas para compor novas obras. GIUSEPPINA figurou nos papeis principais das suas óperas e alguns anos depois se tornou sua esposa e leal companheira.

No grande centro cultural que era a cidade de Milão, a sociedade pulsava num intenso sentimento pró-independência.

Durante os longos anos de luta pela unificação os patriotas uniram-se na esperança de que o rei Victor Emanuel liderasse esse tão desejado projeto político. Entretanto a permanente censura política não permitia se falar publicamente no nome do Rei.

VERDI tinha na linguagem musical a forma mais sutil e verdadeira de manifestar o seu sentimento nacionalista. Ele não era um político partidário, mas sempre conduziu sua vida como um ser preocupado com as questões de ordem humana e social.

Naturalmente a ópera NABUCO passou a ser como um elo no pensamento dos que desejavam união da Itália sob o comando dos próprios italianos e sob o comando dos princípios Italianos, e os versos musicados do va pensieiro se tornam o verdadeiro hino da libertação da Itália.

GIUSEPPE VERDI foi um compositor consagrado e admirador. Ele possuía uma personalidade forte e marcante e os Italianos tinham por ele uma verdadeira veneração.

Sua popularidade era resultado do seu caráter integro e das suas melodias que sensibilizam a todos os segmentos da sociedade.

Mas VERDI compôs uma obra que contava a historia dos hebreus escravizados no Reino da BABILÔNIA, no longínquo meio milênio a.c., tendo como personagem central o Rei NABUCODOSSOR.

Era um texto comovente e não citava nada que os censores pudessem recriminar. Só que os versos do VA PENSIEIRO foram assimilados pelos patriotas como uma evidente e clara alusão á situação do povo

italiano dominado em sua própria terra.

O Príncipe que iria governar a Itália (Tal qual MAQUIAVEL de certo modo antecipara em 1531) seria o rei Victor Emanuel.

Embalados na mística da musica de VERDI os patriotas descobrem a forma de divulgar os seus ideais escrevendo, nos muros e paredes de toda a Itália, o lema VIVA VERDI,

Que significava VIVA VICTOR EMANUEL, REI DA ITÁLIA.

As Palavras incitam e promovem idéias, e quando essas mesmas palavras são cantadas numa melodia comovente elas aumentam seu poder através dos sentidos sutis ficando gravadas indelevelmente em nossas memórias.

A meta final foi atingida em 1861, quando VICTOR EMANUEL foi proclamado rei da Itália. A Revolução se fez vitoriosa e a nação resgatou sua total integridade política. VERDI foi eleito o senador e convidado a fazer parte do Governo. Desenterrado pela política, permaneceu por pouco tempo nessas funções, dedicando todo o seu tempo para a família e sua música.

Sua produção musical continuou intensa, tornando-se ele um dos mais aclamados compositores universais.

Alem disso, por conta de sua preocupação social construiu uma casa de repouso para músicos idosos e um hospital.

Em 1897, apos uma longa vida de companheirismo e felicidade morreu GIUSEPPE VERDI. De acordo com sua vontade ele foi sepultado ás seis e meia da manha sem pompa.

Uma multidão de duzentas mil pessoas acompanhava o funeral, e um coro de oitocentas vozes, regidas por ARTURO TOSCANINI, o lendário regente italiano, comovidamente se despediram do mestre cantando.

**"VA PENSIERO SULL'ALE DORATE..."**

**********

## O Manezinho da Ilha

*Nereu do Vale Pereira*

Desde mais de dois séculos e meio que os homens simples e pescadores, descendentes dos casais açorianos que para cá vieram em meados do século XVIII (1748-1756) sob o patrocínio da Coroa Portuguesa, passaram a ser alcunhados de *manezinhos* (diminutivo de Manuel)

Foto do autor, um manezinho.

Mas, donde o titulo "Manezinho da Ilha"?

Sua origem primária é a de um epíteto pejorativo indicando um elemento pobre, pouco dotado de iniciativas e de inteligência abaixo do normal, isto é um elemento simplório, um Manuel qualquer. Tem origem em Portugal e passou a ser aplicado também no Brasil.

Nasceu lá como indicativo do habitante interiorano e aqui mais particularmente para o interiorano e pescador da ilha e a ele atirado pelo imigrante alemão, que chegando à região entra em conflito cultural, e passam a ser chamados de galegos pelos açorianos. Era, assim, uma resposta do alemão para o nativo que os hostilizava. Eram os alemães uns galegos, intrusos e bastardos segundo a prosódia portuguesa (e açoriana) de então para os habitantes da Galícia ou Galiza (no dialeto galego) região conflitante

culturalmente com Portugal e Espanha.

Na verdade, o alemão, agora *galego*, começa a concorrer tanto economicamente como no campo político (recebiam muitas atenções e muitos recursos a mais que os açorianos dos governos, tanto do regional como nacional). Alemães, os galegos e os açorianos os manezinhos, passam a se agredir sutilmente pelos epítetos. Foi uma disputa longa, porem não tão candente como possa ser imaginado. Com o tempo tanto o terno galego torna-se carinhoso e normal como o manezinho perdera seu aspecto negativo.

Agora o louro alemão passou a ser galego e o pescador, ilhéu, o manezinho. Todos os títulos passam a ser recebidos com normalidade e gentílicos: o alemão ou galego, ou galeguinho e o manezinho para o natural da ilha de Santa Catarina.

Esse manezinho é um tipo humano resultado de um conjunto de contributos étnicos como os índios carijó, espanhóis, nacionais, açorianos, africanos, alemães, italianos, poloneses, libaneses e gregos.

Parece crer que o povo brasileiro também é assim, uma expressiva miscigenação. Por isso, o ilhéu é um homem resultante de um complexo de misturas, simples e bondoso, religioso, pertinaz, sonhador, poético, musicista, forte e destemido. É um tipo humano que ao ser contemplado e mirado com atenção retrata todos os caminhos étnicos que juntos construíram o que se chama Santa Catarina. Mas, predomina, contudo a cultura açoriana, a marca açoriana no falar, no trajar, no rezar, no comer, no festejar, no sentir no simbolizar...

No leque das características do manezinho dentre insularidade, perseverança, introspecção, tradicionalidade, contemplação, temperança, musicalidade e religiosidade, esta última é a que mais fortemente o identifica.

Já o epíteto "manezinho da Ilha" continuou a ser levemente pejorativo e depreciativo até aos anos setenta do século XX, quando inicia um novo quadro cultural gerado pelo aporte de vários grupos de nacionais que chegam à Ilha.

O reconhecimento público e histórico de um manezinho, com a respectiva diplomação e entrega de um troféu, ocorre a cada ano entre 23 de março e 10 de abril, em solene sessão pública.

Os agraciados em cada ano podem ser até trinta e, seus nomes são

selecionados por um colegiado especial que toma por referência uma listagem elaborada por inúmeras indicações e procedentes de diversos proponentes. Há, evidentemente, uma intensa procura e a seleção é cercada de esperanças e expectativas. É importantíssimo e gratificante, ser reconhecido como um autêntico MANEZINHO DA ILHA...

Tal processo foi criado pelo saudoso jornalista Aldírio Simões que o instituiu em 1988.

Portanto, com este ufanismo ilhéu; com esta glória de ser manezinho é ter-se a certeza de que nossas tradições e história devem permanecer vivas; sempre ser ilhéu, e desta ilha onde nascemos e somos felizes.

Ser manezinho é saber preencher a alma mística singular e candente da insularidade; e que com graça e beleza, olha o mundo do mar, o misterioso e insondável mar; com grandeza e humildade recebe os forasteiros; com docilidade e verbosidade popular e peculiar se comunica; tendo um falar melodioso (cantado); um vestir-se simples e gracioso, especialmente quando usa chapéu; que sabe preparar e apreciar comer uma cocoroca frita com pirão de farinha de mandioca (a branquinha e fina especial da ilha) recado pela banha da fritura; é subir o Morro da Cruz e não da TV; é saber que vai ai ao Pontal da Ponta Grossa e não a desconhecida Daniela; Vai ao *Pântano do Sul* e ao Rio das Pacas e não à uma infeliz solidão(?); que rodeia e se senta junto a figueira da Praça XV nem que seja ser "pinico de pardal"; sai às ruas a passear com uma gaiola com um curió ou um coleirinha dobrador (vide foto); empina uma pandorga ou um barrelote, porém jamais uma pipa que é coisa de guri ou de fresco; organiza rodadas com briga de galo ou canário da telha; sabe quando atravessa a ponte do Vinagre; que participa da Procissão do Nosso Senhor Jesus dos Passos onde deve ajudar a "carregar o Santo" e onde realmente se vê, como dizia o ex-Governador Espiridião Amim, a cara de Florianópolis; que dança no **Boi de Mamão**; que canta Terno de Reis e Folia do Espírito Santo; não pode perder a Festa do Divino, não só no centro da cidade como no Ribeirão da Ilha; que entra na folia, ou farra como querem agora, do boi e depois vai pescar no costão; ajuda a puxar a rede de cerco de tainhas para, pelo menos, ganhar uma (e que esteja suja de areia para comprovar sua participação e caracterizá-la com realmente fresquinha), e levava para casa para assá-la na telha ou escalar; seguidamente entra

no mercado municipal pois ele é o cartão de identidade do manezinho e ponto diário obrigatório para os gozadores; e que ainda tem saudades de acertar o relógio pelo horário da Catedral ou do Cabo Submarino, vai ao senadinho curtir política e futebol torcendo por Avaí ou Figueirense; sabe e gosta de jogar dominó; que aos domingos toma uma cachaçinha ou pinga do alambique; etc. etc...

Bom, vamos parar, pois, nunca se diz tudo sobre o manezinho. Restará sempre algo mais que ainda não foi ou deva ser registrado...

***Enfim, ser manezinho da ilha é nascer feliz, viver feliz e morrer feliz cantando as maravilhas deste "pedacinho de terra perdido no mar".***

Professor Nereu do Vale Pereira – 2000.

Trecho extraído do livro-Introdução ao estudo do Boi de Mamão Catarinense, do autor e ainda prelo

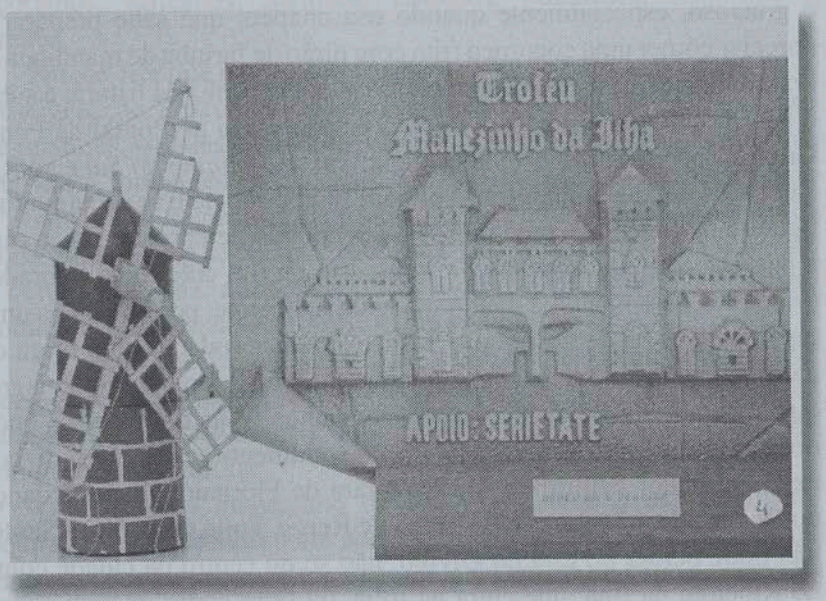



Ilustração 05 – O troféu manezinho da ilha entregue ao autor em 1989.

## SER MANÉ DA ILHA É...

*Esta é outra leitura elaborada pelo Associado e manezinho* ***Luiz Eduardo Caminha***

Para ser um verdadeiro Mané tu precisas preencher, pelo menos, 80% dos requisitos abaixo. Caso contrário não adianta receber troféu de Mané e nem freqüentar o Mercado Público todos os dias por cinco anos seguidos, muito menos, morar no Ribeirão da Ilha e se esforçar para falar com sotaque *manezes*. Para ser um autêntico Mané tu precisas, ô "istepô":

Falar manezes fluente, tão rápido que deixa o cristão que te ouve meio tanso. Falar 60% das palavras no diminutivo ("Vais quere um cafezinho com pãozinho ou com bolinho de chuva?"). Gostar do cheiro das bancas de peixe do Mercado Público. Nada de tapar o nariz pra comprar camarão; Ter assistido um Avaí e Figueirense no Adolfo Konder e, de preferência, ter fugido com a bola quando essa era chutada pra fora do campo; Ter, pelo menos uma vez na vida, subido a Avenida Tico-Tico (Rua Clemente Rôvere); Ter ajudado a fazer ou ter dançado no boi de mamão; Ter participado da farra do boi ou, pelo menos, ter fugido em carreira todo borrado com medo do pobre animal; Ter tomado banho na Lagoa da Conceição sem medo de pegar pereba.

Ter tomado picolé de coco ou sorvete de butiá nas sorveterias Satélite ou Ilha bela; Ter saído em bloco de sujo no carnaval, vestido de mulher e continuar gostando de rapariga; Ter guardado no rancho: caniço, tarrafa, coca, jereré e pomboca ("Pá" pega uns camarãozinho, uns peixinho...).

Ter comprado na venda: bala azedinha; pé de moleque; quebra-queixo; maria mole, bala rococó, tablete Dalva, guaraná pureza ou refresco da Max William; Acreditar em bruxas e ter ouvido pelo menos uma história de Franklin Cascais.

Ter assistido na TV Cultura um filme na poltrona 6 e, para as senhoras, o programa do Celso Pamplona (a Metralhadora Platinada); Entender tudo o que o Miguel Livramento fala; Não aceitar nada do que o Paulo Brito diz;Tentar descobrir para qual time da capital o Roberto Alves torce e não acreditar naquela história de que ele ainda é torcedor

do Paula Ramos; Sentir enorme prazer ao comer uma boa posta de tainha frita, com "pirão de nailo", ou então, aquele berbigãozinho ensopadinho derramado sobre um pirãozinho de feijão; Ter curtido um baile de carnaval no Lira, no LIC, no Doze ou no Limoense; Ter assistido desfile de escola de samba e de carro alegórico ao redor da Praça XV.

Ter participado de alguma turma da cidade (da Mauro Ramos, do Quiosque, da Marquise etc); Ter dado um tapa na orelha do César Cals na Novembrada e ter chamado o General Figueiredo de ....(tu sabes o que); Defender a mudança do nome da cidade para Nossa Senhora do Desterro; Ter passado pela ponte Hercílio Luz e não entender a incompetência de nossos governantes que até agora não conseguiram recuperá-la; Ter Ficado horas no Ponto Chique, tomando cafezinho discutindo sobre política, futebol e mulher (não obrigatoriamente nessa ordem); Ser Figueirense e secar o Avaí; Ser Avaí e secar o Figueirense; Ter andado em ônibus da Taner ou da Trindadense; Ter comprado um bilhete de loteria federal da Lurdes (com redinha na cabeça e tudo); Ter chorado a morte do Zininho e do Aldírio;Ter freqüentado, ou apenas conhecido, o Mira mar e lamentar, profundamente, a burrice daqueles que permitiram a demolição de um dos principais marcos cultural na nossa cidade;Ter entrado como "Peru de fora" em festa de 15 anos, baile de debutante ou casamento de "granfino"; Ter comprado na Modelar, no Ponto 75, na Grutinha (ETA nome sugestivo); nas Casas Coelho; na A Capital; nas Casas Macedônia; no Beco; no Saco e Cuecão; e, é lógico, na Miscelânea, que era o paraíso da criançada;Ter assistido, na sessão vespertina, um filme no Roxy, no São José, no Ritz, no Glória, no Jalisco, no Carlitos ou no Cecontur; Ter assistido peça teatral no Álvaro de Carvalho; Ter visto carnaval com o Rei Momo Lagartixa; Ter"melado a cueca" na boate do Doze, do Lira, na Dizzy etc.;Ter dado "um malho" de madrugada no Kuxixo's; Ter ouvido muitas histórias dos bailes no Clube Quinze; Ter visto a procissão do Senhor dos Passos descer a Rua Menino Deus; Se emocionar ao ouvir o Rancho de Amor à Ilha e cantar baixinho como se fosse uma oração; Reverenciar todas as manhãs a figueira da praça XV e ter nela o marco inicial do amor que temos por nossa terra; Adorar vento sul;

Amar o verão, pegar tainha no inverno, ver Guarapuvu florido e rezar à Nossa Senhora do Desterro pedindo proteção para que o progresso desordenado não destrua nossos últimos valores.

Esta lista, com certeza, pode ser muito maior, entretanto nunca te esqueças, caro leitor, que cada dia que passa é mais urgente o resgate e a preservação de nossa cultura e, assim como é bom receber pessoas vindas de tantas partes do Brasil e do mundo, também é importante a manutenção de nossa identidade cultural.

Ser Mané é saber receber bem quem vem de fora, mas também é saber valorizar as coisas daqui. É defender nossa cultura daqueles que nos acham inferiores ou provincianos.

Todo Mané tem uma incrível capacidade de amar e de ser gentil, então se tu és Mané de "carteirinha", ames cada vez mais a nossa terra, ou se tu és Mané de "adoção" aprendas a amá-la e, acima de tudo, a respeitar nossa forma de ser.

Afinal de contas, "se quéx quéx, se não quéx dix".

Tas querendo u que, sô istepô!

Por Luiz Eduardo Caminha.

Outro *embrólio* do autor:

Dia dessis recebi um i-meiu do mõ amigo Jorge Müller, lá di Joinville, mas qui mora im Blumenau a uma carrada di tempo. Oia só oque qui ele disse.

2009/06/22 Jorge Alberto Müller

Confrades Bom dia! Amanha pela manha irei comprar mugilideos da ordem perciformes e nome cientifico denominado de cheelon labrousus em Itajaí. Tambem comprarei algumas ovas que farei da seguinte forma:....+11. de...e+ 4/3 de ..... E uma pitada de..... diluído com cunheque Fran.....em ½ porção de...e levado ao forno 19 minutos... então servir com....até lá!! As chelon labrosus segundo informações nesta quinzena estão mais saborosas pois as que não foram pegas ainda, Já nadaram bastante e portanto estão mais magras e menos estressadas fazendo que sua carne fique mais suave e c/ baixíssimo índice de colesterol abaixo do prejudicial as artérias. Portanto viva AS CHELON...NA AREIA IMPORTADA DA PRAIA DO PINHO (Segundo o Presidente Fred!). JORGE

Oi, ió, ió! U que é issu, guri?

Foi assim co fiquei quandu li esse negócio.Aí ó. Non contei tempu. Respondi na horinha, puto dus córnus. Mas fiquei curioso di sabe u que caquilo quiria dizê.

Qui nome mais estronbotico (1) é essi? Que qui essi alemão ta inventandu? Comprar os mogilideos da ordem Perciformes, um tar di chelon labrosus? Tas querendo u que, so Istepô?!Nunca visse?

Um nomi desses na minha vida!

Devi sê di cume, NE? Pruqe u Jorgi ta falandu vai faze essi troçú(2) lá nu terça a todo vapô, nu Clubi Bela Vista! Devi di sê cumida!!!

Lá vem essis alemão digraçadu com essis nomi Du cão di novu. Chelon? Pareci é nome di bucica (3).Ôtro dia foi u Braz, cum aqueli negócio di dizê qui bacalhau era bacalhau. Era um tar de Códi non sei u quê . Cód Gabus morhua , foi u nomi qui Eli invento pru bacalhau. Até Hoji não inguli essi tróço To cá ispinha atravessada nu gogó(4).

Agora vem u mô amigu Jirgi cum essi Chelon não sei das quanta. Assim não da NE!!Tas querendo me arronba,ô ? O tas é qui não devi di sê. Essas tomem si comi, mas di outro jeitu é claro! Mas issu não devi di sê! Lá nu Bela Vista, Elis não deixo fazê issu ! Nem cá vaca tussa!

I tem mais. Vai sê nu istamitichi dus terçaferino. Intão é cumida. Tem di sê! Ah ! Quês sabe u que qui é essi tar di istamitichi, NE? Ô isplicu prumódintentê (5)Istamitichi é o nome qui os alemão dão pra uma roda di amigus qui si reuni todu u santu dia ou uma veis pur semana, só pra joga conversa fora, Tomá uns ferro(6),Cume uma cumida ou joga uma bolinha, um dominózinho, uma botchinha ou ôtra coza qualqué(7). O Importanti dessa rodinha é mermu toma uns ferru, bia gelada pra maioria. É Parecida com as nossas patotas, as nossas rodinha.

Pois é! Terça a todu o vapô é um istamichi qui si reuni toda as terça fera pra faze issu: toma uns ferru i cume uma cumidinha. Pur issu co achu qui essi tar di chelon é mermu cumida. I otrâ! U jorgi é um cuzinhero dus bom Faz rabada, Caranguejada i Tudo mais. Nunca isqueçu a Rabada Du Jorgi. Ê! Pó parà pur ai.

Não é u qui voceis tão pensando! È rabada di boi mermu!!! Òia a rabada Du Jorge é di lambe us beiçu!!! Agora, co nunca vi fala qui esse tae chelon é coza di cume, isso eu nunca vi.

Bem, u Jeitu era i vê se si tinha arguma coza nu pai dus burro, NE?! Piscurei(8) nu Orélio! Nada! Nu Micaélis! Nada! Vai vê, pensei cá cus môs botão, é nomi Frances . Ô sei Lá??? Arrisca não custa Arrisca não custa! Já qui a vaca ta indu pu breju mermo. Morra a marta, morra farta! Vamu lá!Ui pru Michelin. Nada tomem! Nem nu gugle incontreiargum explicação.Ô mo santo Antonio !Ô minah nosssa sinhora da lapa ! Mi dá uma luz pru modo incontra u quer qui é issu. To já ficando doidu di esquenta a múfa(9) di tanto piscúra.Essi istepô Du jorgi. Mi faze ficá incasquetadu (10) dessi jeitu. Tu me pagas, sô labisgoia (11).Sô ti encontro doti(12) di relho(13), só pra tu aprende.

Foi daí qui começaru a chegá as resposta pro i-maiu du Jorgi. Gente curiosa, querendo sabe qui merda(14) era aquilu. Genti querendu isplicação ou botandu mais lenha na fuguêra. Tava já virandu gozação!Tomém Um nomi dessis, só pudia dá falatório.

Chuveu resposta ao i-meiu du Jorgi, nu mô computadô. I foi aí co discubri tudinhu! Qués sabê u que qui issu qué dize? Ô não dissi qui era coisa di cumê?? Mas voceis não vão acreditá! Só prus córnus Du diabu! Começa qui essi tar di Chelon dus cambau a quatro (15) não é essi. É essa. É u nomi científicu das nossa tainha. Pódi issu? Não vi issu nem nu científicu, nem nu ginásio, nem na faucudade(16), nem im lugá ninhum aqui na isla. Im Florianópolis ninguém sabi dissu. Tainha é tainha, ô Mané!!! Nem vem qui non tem ô! Nem mi istróva!(17) Tás tolo é? Pareci qui non reza(18), Ahn! Ahn! Ahn! Sai daí ô. Não mi intisica(19) não, sô intiquento.(20) Até a Gracinha, aquela minha prima, filha da Tia Quita, qui é professora i criada nu Riberão, nu meiu dus pescado, non sabe disso. Duvideodó(21)! A manezada aqui nunca ôviu falá dissu. Nem u dotô Galvão e a a muié deli, a Cida, qui são formado em manezês na faucudade do Pântano do Sul sabiam dissu, sô amarelo(22). Agora já si viu? Chamá a nossa tainha di Chelon sei lá du que!!! Só coza di alemão, mermo!!!

Daí, môs amigo, dispôs di sabê, fui obrigadu a mi alembrá quantas i quantas vezis ô cumi dessas bichinha. Cum ova, sem ova, iscalada, rechiada, frita im posta cum pirão di feijão, di tudu qui é jeitu! Na casa du Tiu Ernani i da Tia Zilma! Du tio Elson i da tia Dalva! No Brunu i na Iracema! Na tia Idalina i nu tio Geraldinu! Na casa du Ramón

i da Terezinha, lá nu Reberão! Na casa dus môs irmão, u Bitinhu, a Anamaria! Nus môs quiridu cunhadu u Nei i a Malba. Na casa du seu Nilu Machadu, lá im São Miguel. Na casa du Bicudo, du seu Silviu Nocetti, lá na Praia di Fora. Mô Deus du céu! Cumi muitu dessas bichinha, im tudu qui é lugá i sempri nós chamava elas di tainha. Ahn! Ahn! Ahn! Chelon! Só pra ti mermo, alemão. Agora mi diz aqui: alemão di Joinvilli conheci di tainha? Só pudia dá nissu!

Óia! Ainda na semana passada cumemo uma, eu i a Seluta aqui em casa, cuns amigu lá di Brusqui. Rechiadinha com farofa di camarão, ova di tainha, muela, fígado i coração. Di tainha né o sô tanso!(23) . é purque tu non devi nem di sabê qui tainha tem muela, né? Qui nem galinha!.

Óia, nóis só non cumia muita tainha lá na casa da mãe i du pai purque u mô pai não suportava pexe.

Era o friu chegá, as vezis antes mermu du invernu i lá vinha e épuca das tainha. Vinham di monte. Us lançu(24) di rede, traziam pras praias uma, duas, cincu, à vezis quinzi, vinti tonelada da bichinha. Uma muntuêra(25). Era tainha a dá cum pau!(26). Ô coza linda di si vê, um lançu di tainha. I tem ôtra! Todu mundu qui ajuda a puxá a redi leva umas tainha pra casa. Duas, três, meia duza! Dependi da quantidade qui vem na redi. Tá certo! U ajudanti tem qui sê digêro(27). Vai até na pancada da maré(28), cum água nas canela, gruda na corda i vem aquela bicha(29) di ajudante puxandu... i puxandu..., até chegá incima da praia. Dai, quando si chega lá incima, tem qui saí na puada(30) i corrê até a pancada da maré di novu. I dá-lhe a puxá.

Óia genti! Voceis já viru água fervê, né?! Pôs quando a redi tá chegandu pertu, u mar ferve qui nem uma chalêra! Di tantu peixe! Daí, quandu u peixe tá tudo num monte na praia, começa a divisão. Tudu im montinhus. É lógicu qui us monti maió são dus pescadô, us camarada e du donu da redi i du barco qui foi ponhá a redi. Mas todu mundu leva tainha pra casa.

É uma festa.

Mas vamu pará pur aqui quessas lembrança, purque mi dá munta tristeza. Minha mãe i mô pai, quanu a genti era piquenu, gostavam di nus leva pra vê essis lançu. Lá im Canasviera. Até na Lagoa, nu tempu

qui ainda não tinha a avenida das rendêra, qui era tudu praia , tinha lançu di tainha. Di lembrá dus dois mi enchi us óiu di lágrima. Di saudade! Tão nu céu, ô sei! Mas a saudade aperta u coração da genti!

Posé(31), môs amigu! Intão tá!

Chelon labrosus é u nomi i sobrinomi das tainha. I vai tê festa nu Bela Vista. Vai te tainhada. Di todu tipu. Purque cuzinhá u Jorge sabi! Valeu Jorgi! Mas da próxima, tu vê si não mi inrola cum essis nomi distrambelhadu(32), vissi? Ô tu tás é querendu dá uma di bentivi di isgreja?(33)

Luiz Eduardo Caminha, Ratones, Floripa, 23.06.2009

Prumódintendê. – Glossário manezes.

1. istrombóticu – estrambótico, esquisito.
2. tróçu – coisa.
3. bucica – cadela guaipeca, vira-lata.
4. gogó – garganta.
5. prumódintendê – de formas a entender.
6. ferru – ferro, bebida alcoólica, cachaça.
7. quarqué – qualquer.
8. Piscurei – procurei.
9. mufa – cabeça.
10. incasquitadu – cismado.
11. lambisgóia – metido.
12. doti – te dou, dou-te.
13. doti di relho – dar uma surra.
14. merda – é merda (mesmo! Tás pensando o que o meu?) Ti peguei, hein?
15. us cambau – aos montes; us cambau a quatro, um monte e mais um pouco (uma enorme quantidade).
16. faucudade – faculdade.
17. istróva – estorvar, atrapalhar, causar confusão.
18. Parece qui nom reza! – diz-se de uma pessoa que parece não ter muita convicção do que afirma ou diz-e para uma pessoa que conta algo muito fantasioso e inacreditável.
19. intisica – intica - cutuca com vara curta, perturba

20. intiquento – aquele que intica.
21. Duvideodó – duvido muito.
22. amarelo – diz-se quando se quer menosprezar ou fazer pouco caso de alguém.
23 tanso – atolesmado, pateta.
24. lançu – lanço. Lance de rede de pesca de cerco que se puxa na praia depois de colocada em torno do cardume por barcos. Toda quantidade de peixes que é pescado é chamada de um lanço.
25. muntuêra – grande quantidade.
26. a dá cum pau – em uma quantidade enorme.
27. digêro – ligeiro.
28. na pancada da maré – no lugar onde as ondas batem ao chegarem próximo da praia.
29. bicha – fila.
30. puada – ligeiro, lépido, "na puada" – ligeiramente, rapidamente.
31. Posé - Pois é.
32. distrambelhadu – destrambelhado, desarrumado.
33. dá uma di bentivi di isgreja – dar uma de bem-te-vi dea igreja – quando uma pessoa está querendo aparecer muito.
Que Deus os abençoe,

Luiz Eduardo Caminha.

* * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * * *

Sucesso de público e organização, o 2° Festival da integração Multicultural Catarinense (FIMC), realizado no centro – sul m Florianópolis, reuniu mais de 41 mil visitantes nos cinco dias de atividade , de 13 a 17 de maio. Promovido pela federação Catarinense de municípios (FECAM), com a parceria da assembléia legislativa, governo do estado e Prefeitura municipal de Florianópolis, o even foi realizado pelo instituto Sustentar.

O FIMC ocupou uma área de 7.605 m² no Centro-sul, reunido nove núcleos que representam as regiões Catarinenses: Grande Florianópolis, caminhos dos príncipes, rota do sol, Encanto do Sul, Caminho dos Cânions; Val Europeu, Vale do Contestado, Serra e Grande Oeste. Em cada um dos Núcleos, os visitantes tiveram a oportunidade de conhecer melhor Santa Catarina .Os dados demográficos das regiões, a história e a cultura do local, alem de interação com os cenários multimídia,

forma os destaques do evento.

O presidente da Federação de Municípios Catarinenses e Prefeito de Palhoça, Rónerio Heiderscheidt (PMDB), afirmou que o evento foi um sucesso. "Esperávamos um grande movimento, mas o evento superou as expectativas. Os visitantes participaram e interagiram, foram mais de 40 mil pessoas. Vamos tentar agora consolidar a data no calendário catarinense de eventos", afirmou.

## II CONGRESSO INTERNACIONAL DAS FESTAS DO DIVINO ESPIRITO SANTO

Comunicação do Professor Nereu do Vale Pereira.

(Esse congresso foi realizado em Porto Alegre no mês de outubro de 2006).

## AS IRMANDADES DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Nossa participação neste II CONGRESSO INTERNACIONAL DAS FESTAS DO DIVINO ESPÌITO SANTO, uma promoção da Casa dos Açores do Rio Grande do Sul com o apoio do Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC que realizou o primeiro, será, alem de se articular com todas as demais atividades, apresentar uma rápida abordagem sobre as Irmandades ou Confrarias do Divino Espírito Santo, que fica limitada ao pequeno espaço de tempo disponível, o que deve ser reconhecido como justo, já que a diversidade de temas e expositores assim exige.

Faremos o possível para apresentar a todos os congressistas o que mais oportuno e objetivo possa ser, segundo nossa forma de encarnar e nossa capacidade de conhecimento e vivencia dentro do existir dessas confrarias e nas consultas em volumosa bibliografia existente, quer no Brasil, quer em Portugal, chegando a uma síntese de suas origens, funções e realizações.

O que iremos apresentar, portanto, é uma síntese da síntese de tudo quanto li e consultei a respeito.

De pronto é oportuno e necessário esclarecer que as hojr denominadas de IRMANDADES, instituídas segundo raízes Religiosas da Igreja Católica Romana, foram secularmente, em seus primórdios na Europa do primeiro milênio da Era Cristã, denominadas de CONFRARIAS e

com o objetivo de congregar e proteger os homens que professassem a religião católica e fosses ligados por interesses profissionais, isto é, umas corporações de caráter trabalhistas, ou na visão moderna, de sindicatos classistas e assistenciais.As organizações de seguridade social só vieram a existir durante as primeiras décadas do século XX.

Seus membros filiados recebiam a denominação de irmãos ou confrades e prestavam juramento de incorporação, de auto-ajuda e de obediência a uma série de posturas e deveres religiosos, profissionais e de misericórdia todos escritos num documento chamado COMPROMISSO, que modernamente corresponderia a estatutos.

Destaque-se também que, de modo geral, as confrarias que proliferam pela Europa nos Séculos X, XI, XII, XIII XIV, tiveram nascimento junto com as praticas religiosas e entendidas como organizações dedicadas a congregar leigos homens como irmãos.

Confrades e, excepcionalmente, confreiras religiosas oficiais e consagradas, tinham como prática espiritual uma vivência como sacerdotes, monges e freis nos mosteiros, conventos e claustros.

Já o designativo de IRMANDADES, começa a ser aplicado no inicio do século XV em confrarias especialmente voltadas para o culto ao Divino Espírito Santo.

As principais confrarias que se tem noticia de existir foram vinculadas ao catolicismo por volta do século XI e dedicadas a guarda, proteção, difusão e culto ao Santíssimo Sacramento, ou do Santo Cristo, ou Eucaristia e tendo origem junto ao movimento das Cruzadas e dos embates religiosos com os mulçumanos que invadiram a Europa penetrando pela península Ibérica.

Logo a seguir, século XI, nascem as Obras das Misericórdias ou Misericórdias do Espírito Santo, voltadas para a organização de hospitais e atenção aos pobres doentes e congregava irmãos e confrades com a promessa de culto a DEUS no Santíssimo Sacramento ou EUCARISTIA e socorro aos enfermos e moribundos.

Propugnavam as confrarias pelo apoio aos confrades em suas necessidades tanto do ponto de vista religioso como também no campo profissional, no social, nas enfermidades, nas adversidades da morte e outras. Exerciam as funções que em nossos dias, e a partir do inicio do século XX ou finais do XIX passam a ser desenvolvidos por organizações de seguridade social (INSS e SUS, por exemplo) quase

sempre de iniciativa de governos.

Naqueles tempos foram consideradas essas confrarias como exercício de ações de caridade, amor ao próximo, ao migrante ou peregrino, de misericórdia e de atenção aos desvalidos. Era a prática da caridade cristã e que, por isso, tinham a missão corporativa de amparar seus filiados na saúde e na doença, no desemprego, no velório e exéquias e sepultamento, no atendimento espiritual, nas necessidades matérias e acidentes etc...

Consagrou-se no século XII designar genericamente tais organizações como CONFRARIAS DAS MISERICÓRDIAS.

Entendiam-se como misericórdias a virtude que leva a ter compaixão pelas carências corporais e espirituais do próximo.

Misericórdia é, pois, uma virtude que impele a perdoar o que teria direito a punir e a acudir os necessitados. Tal entendimento se aplica também ás instruções que assumem a criação de expostos ou enjeitados, tratamento de enfermos, sustento aos pobres e demais atos de caridade para com os idosos, viúvas e desvalidos.

Para os valores do pensamento social católico as obras da misericórdia foras classificadas, a partir de textos evangélicos, em quatorze práticas sendo sete espirituais e sete corporais. Assim, seriam as espirituais: instruir os simples (ensinar ou educar tanto religiosamente pela catequese como no social e abolir o analfabetismo); dar conselhos a quem necessitar; rezar pelos defuntos e pelas almas, (missa de sétimo dia); consolar os descontrolados ou aflitos; castigar os que erram; sofrer injúrias pelo amor a Cristo; freqüentar a Eucaristia.

Já as corporais foram assim classificadas: redimir ou libertar os cativos ou escravos; visitar e assistir aos presos; tratar dos enfermos, cobrir ou vestir os nus (agasalhar); dar pouso aos peregrinos (migrantes); cobrir e sepultar os mortos; dar de comer a quem tem fome e água a quem tem sede. È, então, dentro do momento histórico da idade média, pelo final do século XI, que se da início à demanda pela devoção ao Espírito Santo como destacada terceira pessoa da Santíssima Trindade, e, assim, estimular seus confrades e confreiras na execução e práticas dessas 14 obras das misericórdias.

Também é oportuno recordar que a partir do século X, dentro do catolicismo, surgem os primeiros ensinamentos e teorias acerca da devoção e culto ao Espiritismo Santo. É desse período o esforço do

abade Joaquim de Fiore, um sacerdote dos mais estudiosos dos textos bíblicos e escatológicos, e que lança à reflexão, um novo momento da vida da Igreja Católica, alertando aos fiéis para se voltarem para o culto do Divino Espírito Santo. Sugere Joaquim uma nova doutrina trinitária onde o Espírito Santo paráclito delimitaria uma terceira época, uma nova era, na evolução sócia cultural dos homens e em sua marcha para Deus. Essa doutrina passa a ser considerada como a era da *noogênesis* ou a era do amor.

Para quem desejar aprofundar essa temática recomendo relerem a palestra do ilustre professor doutor João Eduardo Lupi proferida por ocasião do I Congresso Internacional das Festas do Espírito Santo, onde ele discorre sobre a teoria de Joaquim de Fiore com muita propriedade.

Desejo fazer uma rapidíssima referencia de que a teoria Joaquiniana vai mais tarde influenciar o jesuíta Teilhard de Chardin para, em 1932, em uma obra proscrita, num contra ponto da teoria materialista de Darwin, defender uma evolução do homem como ser espiritual onde a era do Espírito Santo seria a era do topo da perfeição humana ou a era da noogênese como a designou e, em seqüência da biogênese a cristogênese.

Há que se fazer referencia a uma tese da Professora doutora Margarida Gouveia, uma açoriana de escol, que coloca as irmandades do Espírito Santo como instrumentos para uso e suporte do domínio do poder político.

Dentro deste quadro religioso, político e social vai-se atribuir a Rainha Isabel de Aragão (1271 a 1336) a Santa de Portugal, casada com o rei Dom Diniz de Aragão (1261 a 1325) o agricultor, o ter organizado um Império do Divino Espírito Santo, em sua primeira festa de coroação, em 1321, no Alemquer, onde também constrói um hospital. Contudo, a confraria do Divino Espírito Santo já existia. A Rainha Isabel reinou de 1325 a 1336 após a morte de Dom Diniz.

Tal pratica, inspirada no cristianismo rapidamente se difunde em Portugal e se difundido por onde a expansão portuguesa se efetivava em todos os novos horizontes do alem mar.

De todas práticas das obras das misericórdias as que mais se efetivaram nas diversas confrarias, e especial nas de devoção ao Espírito Santo, foram as que se voltavam para as atenções aos pobres e

desvalidos. Se destaca, por outro lado e pela ausência dos governos na organização de cemitério, assegurar sepultamentos aos seus confrades, fossem eles realizados dentro das naves dos templos católicos quer em áreas externas especialmente reservadas para catacumbas. Por isso, muitos se agregavam às Confrarias das Misericórdias do Espírito Santo e outras, para assegurar um futuro sepultamento e com devida dignidade cristã.

Contudo, o amparo nas dificuldades econômicas, a falta do pão nosso de cada dia, a escassez da água, o desemprego, a doença, as calamidades de terremotos, maremotos e vulcanismos, a falta de capital financeiro, desconhecimento técnico, tudo tendeu, desde o século XVI, como já no final do século XIX e no início do XX, impulsionar não só a continuidade das antigas confrarias religiosas mas também a presença de confrarias operarias, não religiosas e similares. Sito, como exemplos, em Florianópolis a criação do Círculo Operário, a União Beneficente e Recreativa Operária, UBRO, a Liga Operária de Florianópolis e muitas outras que passam a desempenhar funções dantes reservadas somente as Irmandades do Espírito Santo, as Santas Casas, Os Hospitais da Caridade aos Pobres e as misericórdias..

No arquipélago dos Açores, de onde vem o berço de nossas raízes culturais, já no inicio do século XVI, surgiram as primeiras confrarias e os primeiros Impérios do Divino Espírito Santo organizações essas instituídas por católicos leigos e ao arrepio da hierarquia.

Como diz Maria Fernanda Enes, em Às Festas do Divino Espírito Santo no Açores: "Solidariedade e fraternidade:"As grandes dificuldades encontradas pelos povoadores na ocupação das ilhas luva e bruma, assoladas periodicamente por fortes crises sísmicas provocadas por vários vulcões ainda em atividade, associadas na mentalidade popular á ambivalência do sagrado, e a insularidade, teriam propiciado um mais profundo apego á sacralidade a que o culto do Divino induzia".

Tenho acompanhado os trabalhos de pesquisa e investigação de vários estudiosos portugueses sobre esta temática e , entre eles, desejo destacar a pesquisadora Doutora Antonieta Costa com quem tenho mantido importante intercâmbio científico.

Em relação ao Brasil tem-se registro quanto à presença da primeira Irmandade do Espírito Santo, na Bahia em 1682.

Já no sul do Brasil, as circunstancias colonizatórias vão abrir espaços para o culto ao Divino Espírito Santo e a organização de Irmandades e dos Impérios do Divino, quando da implantação da colonização açoriana das terras de além Tordesilhas, no então denominado Brasil Meridional, isto é, após e além do Meridiano de Tordesilhas, nossa área de vida e história, que se efetivou a partir 1747.

Então, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, os açorianos vão ser os protagonistas da criação de confrarias diversas e nelas incluindo as do Divino Espírito Santo, e, como decorrência, seus Impérios, e hospitais.

No caso catarinense, temos registros de duas primeiras Irmandades do Divino Espírito Santo, com seus compromissos devidamente oficializados junto as autoridades eclesiásticas, uma no centro da então vila de Nossa Senhora do Desterro, hoje cidade de Florianópolis, Ilha de Santa Catarina , em 1773, por iniciativa do açoriano, chegado á Ilha em 1749, Tomas Francisco da Costa e por segunda, a da Freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha, em 1806, por ocasião da inauguração da nova Matriz.

Tomas Francisco da Costa foi um homem de extraordinário tirocínio e dotado de muitos conhecimentos de comércio e de construções e que prestou relevantes serviços ao desenvolvidos de Santa Catarina. Sua primeira grande obra foi a conclusão da Catedral da cidade, em 1763, e, logo a seguir, antes de instituir a Irmandade do Divino Espírito Santo, teria participação da organização da Irmandade do Santíssimo Sacramento, também da Catedral e ser um dos instituidores (talvez até ó líder) da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e seu Hospital da Caridade dos Pobres, a Santa Casa de Florianópolis, em 1762.

Seu filho, Joaquim Francisco da Costa, que aos 18 anos, e a partir de 1793, passa ser denominado de Irmão Joaquin do Livramento ou simplesmente Irmão Joaquim, que fizera votos de seguir os passos de Francisco de Assis, torna-se um grande fundador e mantenedor de obras de caridade como seminários, hospitais, orfanatos, e educandários em todo o Brasil.

Quem adentra a esta Santa Casa de Porto Alegre se depara, logo no Hal de entrada, com a estatua de seu fundador o ilhéu Catarinense Irmão Joaquim. O Joaquim Francisco da Costa, conforme registro

batismal.

Uma particularidade é revelar que o sobrenome costa de seu nome de batismo, como era a prática dos consagrados de então, desaparece do uso para o cognome de Joaquim Francisco do Livramento em louvor a sua devoção a Nossa Senhora do Livramento, cuja a imagem sempre transportava consigo em todas as viagens e empreendimentos desde Santa Catarina, como no Rio Grande do Sul, em São Paulo, na Bahia, Santos, Rio de janeiro e Europa.

Voltando as confrarias, antes da fundação da Irmandade do Espírito Santo em Santa Catarina teriam existido, e com vida até hoje, a Ordem Terceira de São Francisco desde 1713, e a Irmandade de Nossa senhora do Rosário e São Benedito, em 1751. Esta última como amparo aos negros escravos.

Em nossos tempos de final do século X até ao inicio do século XXI, portanto são dez séculos, de existência das confrarias do Espírito Santo. Sempre essas Irmandades evoluíram e se modificaram num ajuste a cada época, porém os objetivos em relação as quatorze obras das misericórdias permanecem.

Continuam como instruções caritativas, porém não mais com atenção exclusiva de seus serviços para os irmãos filados, aos pobres em geral das comunidades. Estão elas hoje como abertas para todas as camadas sociais através de seus hospitais e Campos Santos (cemitérios). Claro que a função de organizadora das Festas do Divino Espírito Santo, continua a ser o seu grande apanágio.

Até mesmo a origem e destino das arrecadações e doações, resultantes de suas atividade, se alternaram já que o mundo moderno tomou a diretriz de conferir aos governos constituídos a responsabilidade da seguridade social e trabalhista.

Por exemplo: a Irmandade do Espírito Santo do Ribeirão da Ilha volta-se, assim como quase todas as demais que existem em Santa Catarina, quase que exclusivamente para a organização e desenvolvimentos dos Impérios. Já a Irmandade do Divino Espírito Santo, do centro da Capital catarinense, desenvolve obras que, em principio, estão voltadas para os chamados órfãos e enjeitadas. Agora têm dedicação para o amparo e educação de menores carentes ou meninos e meninas de rua ou na rua.

Algumas ainda, ou possuem cemitério próprio para seus irmãos e

familiares ou têm área reservada em cemitérios municipais.

Na verdade os tempos, as situações, os problemas, as organizações públicas e as particulares são, hoje, totalmente diferentes das de outrora e, por isso, não há como querer que as irmandades do Divino Espírito Santo se voltem para suas primitivas funções em que quase todas elas se institucionalizaram como de responsabilidades dos Estados.

Também, curiosamente, tanto hoje como outrora, todas essas Irmandades têm o total controle dos leigos e nelas os párocos ou vigários em nada interferem.

Circunstancialmente algumas dessas irmandades estão praticamente acéfalas e somente quando se aproximam as festas é que alguns homens, quase pretensamente irmãos, se reúnem e partem para ações e ordens necessárias para os festejos que terminados nada mais fazem pela irmandade. Suas alfaias, ópas ou balandraus, cruzeiros, salvas, bandeiras, quadros, cetro, pombas, coroas, etc, são jogadas displicentemente em algum depósito onde ficam esquecidos até as festas do próximo ano.

Algumas irmandades, que possuem boa estrutura, guardam bem suas alfaias e passam, especialmente os trajes imperiais que são cuidadosamente guardados, para uso em outros cortejos por meio de aluguéis. Tanto nos Açores como na Ilha de Santa Catarina, as festas vão ocorrer por um largo período de cada ano, que vai de pentecostes até a festa de Cristos Rei.

Na maioria, as irmandades ficam totalmente inativas até o ano seguinte.

Há que se dizer, para encerrar, que as Irmandades do Divino Espírito Santo, talvez também todas as demais confrarias religiosas de leigos católicos, desempenharam importante papel na vida da igreja Católica, papel este pouco significativo nos tempos atuais.

Percebe-se, também, que a hierarquia quase sempre não apóia e nem estimula a existência dessas confrarias.

Era o que desejaríamos comunicar nesse Congresso. Obrigado pela atenção.

**********

## A RESPEITO DOS CORAÇÕES E DO "PÃO POR DEUS"

***Este artigo integra o capítulo "recordando o passado" e está sendo transcrito do Boletim Nº 02 de 1949, e agora republicado, foi assinado pelo emérito Professor Oswaldo Rodrigues Cabral.***

"Na esplêndida exposição organizada pelo nosso brilhante confrade Vitor Peluso Júnior e que foi um dos maiores atrativos do primeiro Congresso Catarinense de Historia, em secção de folclore puderam os visitantes apreciar vários exemplos de "Corações" que foram recolhidos graças a iniciativa do eminente e douto Presidente do Congresso, o Sr Desembargador Henrique da Silva Fontes.

Este nosso digno e ilustre confrade tem sido, em nosso meio, o maior pesquisador no terreno dos "Corações", hoje já quase desaparecido em Santa Catarina, pelo menos nos meios urbanos.

"Corações", também conhecidos por "Pão por Deus", são curiosas mensagens feitas de papel multicolor recortado e de caprichosas filigranas pacientemente rendilhados, alguns até demandando paciência e habilidades para abri-los.

No interior, em uma ou duas quadrinhas, o remetente solicita ao destinatário "Pão por Deus", uma dádiva qualquer.

Segundo opinião unânime dos que ainda se recordaram dos tempos em que a circulação de tais mensagens era grande. As mesmas eram enviadas nos meses de outubro e novembro ficando o destinante nas obrigações de enviar ate o Natal uma oferta ao remetente.

No Mercado Público de Florianópolis, há muitos anos, em alguns tabuleiro, eu mesmo vi expostos a venda, numerosos "pão por deus" recortados pelas mãos hábeis das nossas caboclinhas dos sítios e próximos ou pelas de velhas senhoras que pacientemente se davam, na sua humildade, ao trabalho, de condicioná-los, vendendo-os por alguns níqueis aos namorados que andavam a cobiçar "Lembranças" das suas eleitas.

Depois, com o passar do tempo, tornando-se desnecessários, a vista da ação direta, mais eficiente, estes meios epistolares usados pela gente humilde da nossa terra foram desaparecendo.

Mas, havia naqueles modestos escritos de papel colorido, muita quadrinha bonita e sentimental, muito verso bem feito e muito perfume da alma popular, que constitui a preocupação dos professores

Henrique Fontes recolher, para perpetuar um estudo completo esta modalidade de nossa, poesia folclórica. E, em colecionado-as, também vai se recolhendo estes corações de verdade, em palpitações de amor e esperança, exemplares que ainda não foram destruídos pelo tempo nem pelos que julgam aquilo como coisa sem importância.

Com aquela minúcia e com aquela exatidão que costuma colocar em todos os seus trabalhos intelectuais, no dia em surgiu a sua monografia sobre os "Corações" em que eles serão estudados ma sua morfologia e no seu conteúdo, estarão os mesmos definitivamente incorporados ao nosso folclore.

A nós, entretanto, importa aqui apresentar ao eminente amigo e mestre, como achegas ao seu estudo, alguns dados que buscamos colher sobre as origens dos "Corações" e do "Pão por Deus".

Dois açorianos estiveram em Santa Catarina por ocasião dos festejos do bi-centenário do seu povoamento: o engenheiro Euclides Rosa, que faleceu a pouco tempo, esteve expondo as suas magníficas miniaturas executados em polpa de figueira, e o Sr.Luiz Leal do Amaral, terceirense, que, com o seu irmão Alexandre Amaral acompanham com grande carinho as manifestações que aqui se realizavam em honra dos nossos comuns antepassados.

Nenhum dos dois conhecia os corações. Não tinham conhecimento de que no arquipélago se fizessem tais pedidos de brindados de brindes, de dádivas, de espórtulas ou beijos, em retalhos de papel colorido, através de quadrinhas.

Será que no arquipélago açoriano desapareceu o costume, ou nunca existiu, tal como em Santa Catarina?

Permanece a incógnita. Porque, se os corações não vieram dos Açores, o "Pão por Deus" veio de lá, com a mais absoluta certeza. Não só lá como também do arquipélago da Madeira...

Levamos a afirmativa esta referencia curiosa feita pelo padre Antonio Cordeiro, na sua "História Islusana", em tratamento do Padre Doutor Gaspar Frutoso:

"Em dia que o vulgo chama de finados veio da sua Igreja tanto pão de ofertas para a casa de seu Pároco Doutor, que é fama concorre o grande número de pobres, e o maior ainda de meninos, dizendo (como costumam) pão por deus, etc. E pondo-se o Doutor por si mesmo a

repartir lhes o pão, chegou a dar-lhes o próprio que tinha para o jantar, e a ficar sem pão á mesa, e casa; e responde Doutor: "pedem por amor de Deus, se me enganam, deixo-me enganar por amor de Deus"...

È bem verdade que nenhum dos modernos autores açorianos que tenho compulsão faz referencia ao pão por Deus, muito menos a "Coração"- o que leva a crer que o antigo costume entrou em desuso e desaparecem totalmente das Ilhas, o que vem confirmar o depoimento oral dos dois ilustres ilhéus que nos visitaram.

Entretanto, no arquipélago madeirense ainda subsiste o costume, tal como o descreveu, nas poucas linhas atrás reproduzidas, o Padre Cordeiro.

Assim é que, Maria de Lourdes de Oliveira Monteiro, em seu excelente trabalho intitulado "PORTO SANTO" (Monografia lingüística, etnográfica e folclórica) – Revista Portuguesa de Filosofia, Vol. II, Tomos I e II, Pags. 76-1948 – faz referencia ao "Pão por Deus":

"No primeiro de novembro, acorda o Porto Santo sobre saltado, ouvindo ao longo uma toada lenta?

Pão por deus
Fiel de Deus
Bolinho de Saco
Andai com Deus

Manhã cedo, ainda o sol não rompeu, e já a preguiçosa ilha é obrigada a abrir os olhos e a saltar da cama, atenta ao Pão por Deus.

Fiel de Deus
Bolinho de Saco
Andai com Deus

Um bando de crianças de ambos os sexos, garotos de meio palmo, de todos os cantos da ilha, vem de porta em porta, cantando nas suas vozitas friorentas e ensonadas:

Pão por deus
Fiel de Deus...etc....

Às vezes precisas para acordar o dono da casa. "E só seguem quando alguma fruta passa ou tremoços das ilhas, cai no saquitel de trapos".

Ora, pontos de contacto entre este costume e o que existiu ate bem pouco tempo, em Santa Catarina segundo está informado, estão a indicar que foi de lá, dos dois arquipélagos, que ele nos veio, sofrendo aqui modificações, alterava intenção, sem destruir, entretanto, o fio que o liga a sua origem

Crispim Mira (Terra Catarinense, pag. 15) Informa que o "Coração obriga a um presente, de 1° de novembro em diante, e esse presente tem o nome de "Pão por Deus"

Plácido Gomes, em recente artigo sobre o "Pão por Deus" (A NOTÍCIA, transcrito, neste numero do nosso Boletim) diz que "foi costume de muitos anos em Joinvile dirigir-se a alguém u'a missivista, solicitando presente de festas. Cumpria-se esse ato em novembro".

Lucas A. boiteux diz-nos que "o Pão por Deus é uma herança açoriana" e que "o pedido do Pão por Deus começa geralmente no dia do Corpo de Deus para terminar no dia de Finados (2 de Novembro) – (achegas para o Folclore Catarinense de Historia).

È evidente que o Pão por Deus sofreu, com a viagem através do Atlântico e dos séculos que passaram, modificações que poderão ser assim resumidas:

1°- quanto á época: - Lá, quer nas Ilhas açorianas, quer no arquipélago da Madeira, o dia do peditório é o 1° de novembro, ou, então, o mais tarde, o dia 2, dia de Finados; aqui estas datas marcam o fim da temporada do peditório.

2°- quanto ás pessoas: lá são os meninos que pedem pão, guloseimas, etc...; Aqui o costume foi modificado, passando os pedintes a ter qualquer idade e o objeto do pedido qualquer outra coisa, até mesmo amor...

3°- quanto ao modo de fazer o pedido:- lá as cantorias infantis ou as solicitações simples; aqui, adotado o costume pelos adultos criaram os "corações", apropriadas para as solicitações amorosas. Em outras palavras: Lá, a solicitação oral; aqui, escrita, e com esta, a invenção da missiva simbólica.

Não obstante a transformação por que veio a passar o costume, conservou, entretanto: o nome e a época do pedido.

A adoção do coração, assim, teria sido verificada em época posterior, numa nova fase evolutiva por que veio a passar o costume. Dependeu

do estado d'alma do missivista enamorado e do acanhamento frente à eleita que o incapacitava de obter diretamente a resposta almejada.

Daí a missiva curta, numa quadrinha ingênua, pedindo a dádiva do seu amor. Um coração, recordado de papel de cor acetinado, escrito não menos ingênuo, mas com um certo cunho artístico, rudimentar, embora. Não dizia tudo?

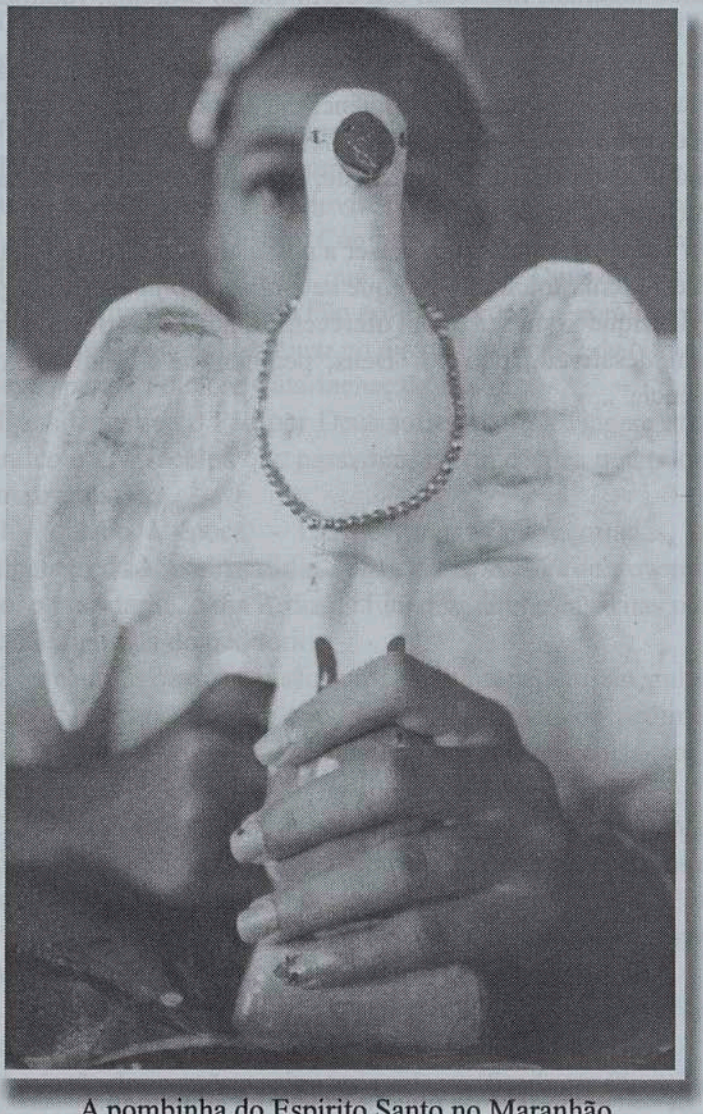
Além do mais há a referir que estas missivas foram conhecidas exclusivamente nas zonas de influência açoriana e madeirense. São Francisco e Joinville sofreram influência da vizinhança. Mas, o urso nunca subiu a serra, ao que nos conste, nem foi adotado nas zonas de colonização alienígenas.

Com estas notas queremos trazer a nossa modesta contribuição ao estudo deste tema folclórico em que se empenha o nosso consagrado mestre Henrique Fontes, a quem oferecemos, neste mês de novembro, como um desativado pão por Deus, pedindo-lhe a dádiva da sua benevolência"...

**********

**Noticiário de Divulgação.**

Nas páginas seguintes estão sendo inseridos vários folders e fotos de eventos folclóricos que se realizaram ultimamente em Santa Catarina. São colaborações de diversos associados que nos remeteram este material aqui divulgado e com algumas anotações referenciais.



A pombinha do Espírito Santo no Maranhão

Desfile imperial da festa do Espirito Santo de Santo Antônio de Lisboa na Ilha de Santa Catarina

Uma obra artística açoriana com bordados e flores de miolo de figueira.Obra produzida em Açores e presenteada ao Profº Nereu

Cortejo imperial no Ribeirão da Ilha em detalhes para o quadro de bandeiras

Algumas bandeiras do Espirito Santo do Ribeirão da Ilha.

Uma casa de familia recebe a visita da Bandeira Peditória com sua cantoria e leilões na Taperinha do Ribeirão da Ilha.

Folder do importante 10º festival Nacional de Dança Folclórica de Blumenau. 9 a 12 de junho de 2009

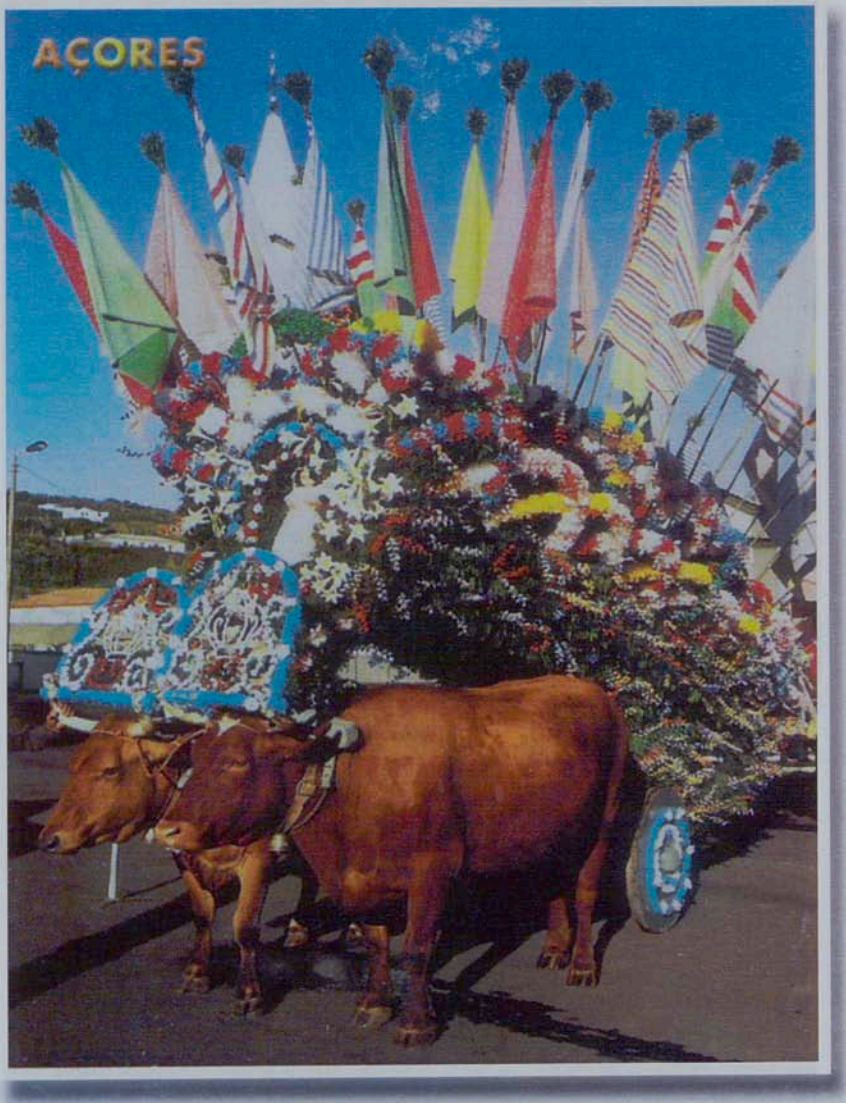
Detalhe de um trono de imperador na festa do Divino Espirito Santo do Ribeirão da ilha .

Cortejo na Armação do Pântano do Sul, Ilha de Santa Catarina.

O casal imperial a caminho de Missa de coroação na festa do Divino Espirito Santo no Ribeirão da ilha

A Bandeira Peditónia e um grupo de foliões

Uma bela foto da coroa do Império do Divino Espirito Santo




Desfile de carros de boi em festa do Divino Espirito Santo em Açores.

# Corte Imperial 2008

*Espírito Santo de Deus, enche a minha vida. Enche-me com o teu poder. Pois de ti eu quero ser. Espírito, enche o meu ser!*

Foto preto de branco do boi Bumbá de Parentins 1972.
Foto de Nereu do Vale Pereira, ( BOI GARANTIDO)

Folclore Açoriano - Dança da Chamarrita



Biblioteca Pública/SC
*056206*

Cerâmica Figurativa
ESPAÇO
CULTURA
POPULAR

# Nunca Desista
# *Lute !*

# O IMIGRANTE

## Letra e Música de
## José Acácio Santana

## - L I B R E T O -

Ópera escrita para as Comemorações do
Sesquicentenário da Imigração Alemã
em Santa Catarina, da qual
São Pedro de Alcântara
foi a Primeira Colônia. (1829-1979)
A Obra foi reescrita para as
Comemorações dos 180 anos
da Colonização Alemã
em Santa Catarina. (1829-2009)

## ELES ACREDITARAM NO BRASIL

BIBLIOTECA PUBLICA DE SANTA CATARINA

## COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE
## QUADRO DE ASSOCIADOS – 2010

1. Doralécio Soares – Presidente Honorário.
2. Osvaldo Ferreira de Melo – Sócio fundador.
3. Valter Fernando Piazza – Sócio fundador.
4. Roberto Mundell de Lacerda – Sócio fundador.
5. Nereu do Vale Pereira – Sócio fundador
6. Gelsi José Coelho.
7. Maura Soares.
8. Francisco do Vale Pereira.
9. Carlos Alberto Angioletti Vieira.
10. Acyr Osmar de Oliveira – Sucursal de Itajaí.
11. Taiana Haelsner - Sucursal de Blumenau.
12. Valter Osvaldo Sant'ana.
13. Jussara Bayer.
14. Waldyr Gomes.
15. Leonir Pedro da Silva.
16. Márcia Reis Bittencourt
17. Fernando de Souza.
18. Leonardo Micheli.
19. Sílvio José Heunecke.
20. Ignácio de Mendonça.
21. Gabriela Pereira.
22. Márcia Rosa da Conceição.
23. Rúbia Cristina dos Santos.
24. José Roberto Severino.
25. José Bento Rosa da Silva.
26. Dagoberto Coelho.
27. Nérilton Valério Martins.
28. Mauricio de Barcelos Sant'ana.
29. Ilse Maria Paulino Gomes.
30. Janaina Reis.
31. Maria do Carmo Tripalli Fachini.
32. Mariângela Leite.
33. Flávio José Cardoso.
34. Luiz Eduardo Caminha.

## PATROCÍNIO:

POUSADA E
RESTAURANTE
DO MUSEU

*Tranquilidade, conforto e boa comida na Ilha da Magia.*

**COMPLEXO TURÍSTICO ECOCULTURA DO RIBEIRÃO DA ILHA**

**POUSADA E RESTAURANTE DO MUSEU**

Rodovia Baldicero Filomeno 10100/10106 - Ribeirão da Ilha
Florianópolis - SC - Fone: 48 3237- 8148 Fax: 48 3237-8016
E-mail: ecomuseu@pousadadomuseu.com.br
Homepage: www.pousadadomuseu.com.br

**VISITE O SITE DO ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA**

Biblioteca Pública/SC
*056206*